

A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE ATRAVÉS DO BRINCAR¹

Sabrina Sironi²

Nesse semestre penso na possibilidade de começar supervisão à medida que escuto casuísticas relatadas por colegas e por coordenadores nos seminários de formação. Ao ler alguns casos expostos nos textos, percebo a difícil prática psicanalítica. O quanto aquilo que introjetamos e projetamos influencia e transforma a percepção do mundo externo, da mesma forma que altera e influencia nosso mundo interno sob a ação das fantasias inconscientes.

Cito alguns casos para ilustrar essas questões.

O livro "O Brincar e a Realidade" de Winnicott traz o caso de uma mulher de meia idade que só podia adaptar-se numa base de submissão, representando o papel que lhe fora atribuído em brincadeiras da infância. Enquanto fantasiava dessa forma, mantinha-se dissociada e alimentava uma série de frustrações na tentativa de se tornar uma pessoa total. Com o tempo essa paciente começou a assustar-se em sua análise ao perceber que sua onipotência a mantinha nas coisas maravilhosas que só podiam ser alcançadas em um estado de dissociação. Assim que essa paciente começou a pôr em prática coisas como pintar ou ler, descobriu algumas de suas limitações e acabou abandonando sua onipotência, lidando melhor com suas frustrações e construindo uma realidade.

Outro exemplo é de outra paciente que se deu conta de que queria fazer coisas que agradassem o analista, desabafando do inferno de ter recebido uma educação religiosa: "malditas sejam as boas meninas!" Desabafa também do desejo de parar de procurar e somente ser. A procura é a evidência de que existe um eu (self) pois, a partir do buscar, a partir da pergunta, se poderia postular a existência de um eu.

Esses casos mostram a importância do brincar, da transicionalidade que está no encontro entre o mundo psíquico e o mundo socialmente construído.

Segundo Winnicott (1975, p. 92-93), o buscar só pode vir a partir do funcionamento amorfo e desconexo ou talvez do brincar rudimentar, como em uma zona neutra. É apenas aqui, nesse estado não integrado da personalidade, que o criativo, tal como o descrevemos, pode emergir. Refletido de volta, mas apenas nesse caso, torna-se parte da personalidade individual organizada e no conjunto acaba por fazer o indivíduo ser - ser encontrado - e acaba por permitir que postule a existência do eu (self). Isso nos dá indicação para o procedimento terapêutico: propiciar oportunidade para a experiência amorfa e para os impulsos criativos, motores e sensoriais os quais constituem a matéria prima do brincar. É com base no brincar que se constrói a totalidade da existência experiencial do homem.

O brincar conduz naturalmente à experiência cultural, e isso acontece se a internalização segura do objeto bom se torna o núcleo do ego.

Segundo Spillius (2007, p. 110), psicanalista de orientação kleiniana, o bebê vive num mundo em que ele e alguns objetos são muito maus, enquanto outros objetos e outros aspectos seus são muito bons. Ele vive num mundo de objetos parciais.

Por volta de três a seis meses as relações de objeto mudam para relações de objeto total, e o bebê se comporta de maneira mais integrada. A mãe boa e a mãe má são vistas como a mesma pessoa. O doloroso reconhecimento pelo lactente de que seus sentimentos de amor e ódio dirigem-se à mesma pessoa mais tarde serão sentidos em relação ao pai, irmãos e outras pessoas; especialmente na análise serão endereçados ao analista. Mas, tudo isso depende da capacidade do bebê suportar a frustração. Se a capacidade do bebê de aguentar a frustração for grande, ele usa o pensamento e suporta os sentimentos

¹ Trabalho apresentado em Jornada de Psicanálise do CPRS de 14 de junho de 2014.

² Membro do Instituto de Estudos de Psicanálise – IEP – do CPRS.

persecutórios. Isto favorece o simbólico, a criatividade e a capacidade para brincar e amar, já que a agressão passa a ser tolerada e modificada.

Segundo Spillius (2007, p. 239), a projeção de sentimentos amorosos – subjacente ao processo de ligação da libido ao objeto – é uma pré-condição para encontrar um objeto bom. A introjeção de um objeto bom estimula a projeção de sentimentos bons para fora, e isso, por sua vez, por meio de reintrojeção, reforça o sentimento de posse de um objeto bom.

O brincar permite a introjeção dos bons objetos e precisa ser estudado como um tema em si mesmo, suplementar ao conceito da sublimação do instinto.

O brincar e a experiência cultural podem receber uma localização: o denominado *espaço potencial*. Este espaço potencial é uma área hipotética que existe entre o bebê e o objeto (não-eu), isto é, ao final da fase de estar fundido ao objeto. O espaço que o brincar ocupa não fica dentro nem tampouco fora da subjetividade, fica na fronteira. Onde isso foi bem construído há confiança e fidedignidade, tornando-se uma área infinita de separação, preenchendo-se criativamente com o brincar, que com o tempo se transforma na fruição da herança cultural.

Segundo Winnicott (1975, p. 142), o espaço potencial entre o bebê e a mãe, entre a criança e a família, entre o indivíduo e a sociedade ou o mundo depende da experiência que conduz à confiança. Pode ser visto como sagrado para o indivíduo, porque experimenta nele o viver criativo.

O brincar, tão evidente nas análises de adultos quanto o é no caso do trabalho com crianças, manifesta-se na escolha das palavras, nas inflexões de voz e no senso de humor. Em termos de associação livre, significa que se deve permitir ao paciente do divã, ou ao paciente criança com os brinquedos no chão que comuniquem uma sucessão de ideias, impulsos, sensações sem conexão aparente. É ali onde há intenção, ou onde há ansiedade, ou onde há falta de confiança baseada na necessidade de defesa que o analista poderá reconhecer e apontar a conexão entre os vários componentes do material da associação livre.

Spillius (2007, p. 100) escreve que Klein considerava o brincar da criança a contrapartida da associação livre, que, quando Klein começou a analisar crianças, tentou fazê-las deitar no divã e associar livremente e percebeu que esse método não era adequado, buscando então brinquedos dos seus filhos, desenvolvendo assim a técnica do brincar. Spillius (2007, p. 100) coloca que nessa brincadeira Klein estava absolutamente preparada para desempenhar os papéis que a criança lhe sugeria, a fim de compreender suas motivações e sentimentos. Em 1927 criticou Anna Freud por introduzir elementos educativos na análise de crianças, por incentivar a transferência positiva e por não interpretar a transferência negativa.

É muito importante que o sujeito receba de volta a comunicação feita ao analista. Nessas condições pode reunir-se e existir como unidade, sem o uso excessivo de defesas contra a ansiedade, mas como expressão do *eu sou, eu estou vivo, eu sou eu mesmo*.

Spillius (2007, p. 169) coloca que os sentimentos negativos são fonte de ansiedade e se bem conhecidos há possibilidade de conviver com eles modificando-os ou utilizando-os da maneira mais construtiva possível.

Nesse posicionamento tudo é criativo!

A construção da confiança se sustenta na fase da dependência absoluta antes da fruição, da separação e da independência. Quando se percebe a outra pessoa separada, sente-se que ela tem uma vida própria que o sujeito não controla. A relação com um terceiro objeto é a essência da "vida própria" do objeto primário da pessoa.

Winnicott (1975, p. 188) coloca que o meio ambiente facilitador e suficientemente bom no início do desenvolvimento constitui algo muito importante. A independência relativa é um princípio que se alterna gradativamente e de maneira ordenada. Há genes que determinam padrões e uma tendência herdada a crescer e a alcançar a maturidade, mas

nada se realiza no crescimento emocional sem que esteja em conjunção com uma provisão ambiental suficientemente boa.

A brincadeira é própria da saúde; facilita o crescimento e conduz aos relacionamentos grupais; está a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros

É no brincar que a criança e o adulto podem ser criativos e utilizar sua personalidade integral e descobrir seu verdadeiro eu (self).

Mas há um grau de ansiedade que é insuportável e destrói o brincar. Isso vem da época em que o ser imaturo está continuamente a mercê de sofrer uma ansiedade inimaginável, que é a essência das ansiedades psicóticas. Esse bebê não teve cuidados suficientemente bons no estágio precoce, antes de ter distinguido o "eu" do "não eu". Isso leva a uma condição patológica em que o sujeito sofre as ameaças dos elementos persecutórios dos quais não consegue se livrar, pois não dispõe de meios para tanto.

Partindo das doenças psiconeuróticas e das defesas do ego, há saúde quando essas defesas não são rígidas.

O sentimento do eu (self) surge na base de um estado não integrado, não é observado, recordado e pode se perder, a menos que a criança seja olhada e cuidada por alguém que tolere suas exigências e estabeleça laços seguros desde o início da vida.

Spillius (2007, p. 239) coloca que no desenvolvimento favorável normal, à medida que o sujeito passa a ser mais capaz de aceitar a responsabilidade por aquilo que sente e a reconhecer a existência de seus objetos, os objetivos da projeção mudam. Em vez de excindir aspectos de si, perdendo contato com eles, e agir como se eles fossem aspectos do objeto, ele consegue ficar em contato com as partes que tende a atribuir aos outros. A projeção continua, mas se torna menos onipotente, rígida e pode ser a base da empatia.

Em termos clínicos, o paciente se apresenta com menor rigidez e fixação, enfrenta a ansiedade e a incerteza, consegue viver criativamente e constituir um estado saudável, onde a submissão não é mais base para a vida.

O impulso criativo é necessário ao artista na produção de uma obra de arte, mas também algo que se faz presente quando qualquer pessoa se inclina de maneira saudável para o que faz ou realiza. Está presente no viver momento a momento, frui no respirar, como na inspiração de um arquiteto ao descobrir subitamente o que deseja construir.

O vislumbre do bebê e da criança, vendo o eu (self) no rosto da mãe e, posteriormente, num espelho, proporciona um modo de olhar a análise devolvendo ao paciente a longo prazo aquilo que o paciente traz, possibilitando a este descobrir seu próprio eu (self) e sendo capaz de existir e sentir-se real.

Sentir-se real é mais do que existir, é descobrir um modo de existir como si mesmo, relacionar-se com os objetos como a si mesmo e ter um eu para o qual retirar-se para um relaxamento.

A neutralidade do analista é necessária. A interpretação fora do amadurecimento do material é doutrina e produz submissão, pois interpretar quando o paciente não tem capacidade para brincar não é útil ou causa confusão. A lentidão do processo analítico é a manifestação de uma defesa que o analista tem de respeitar, tal como respeitamos todas as defesas.

Reter interpretações possibilita que o próprio paciente faça interpretações, permite a manifestação da capacidade do paciente de brincar, ser criativo no trabalho analítico, pois este tem as respostas dentro dele.

Ao finalizar esse trabalho me debruço sobre a difícil arte de psicanalisar, de não se deixar influenciar pelas projeções do paciente, pois muitas vezes as imagos internas dos pais são muito mais ferozes do que os pais reais. O trabalho do psicanalista oferece a sustentação do brincar do paciente em um espaço e tempo construídos transferencialmente.

O mundo interno não é uma réplica do mundo externo. Experiências do mundo externo ajudam a moldar o mundo interno ao mesmo tempo que o mundo interno afeta a percepção do mundo externo.

A esperança é que, por meio da análise eficaz, da “repetição”, ocorra o “lembrar” não só a lembrança de fatos históricos esquecidos, mas no sentido de tornar conscientes ansiedades, defesas e relações desses objetos internos mantidos inconscientes. Com essas ligações explícitas com fatos reais do passado, conhecidos através das projeções do paciente, ele próprio fará essas ligações. Nesse ambiente criativo e lúdico da brincadeira torna-se possível a manifestação de todas as partes do eu.

Referências

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

SPILLIUS, E. B. *Uma visão da evolução clínica kleiniana da antropologia à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.